

MÍDIA E EDUCAÇÃO

MEDIA AND EDUCATION

Arnon A. M. de Andrade¹

RESUMO

Este artigo apresenta uma reflexão sobre a relação entre Mídia e Educação, relacionando com os desafios criados pela Sociedade. Introduce uma discussão com a necessidade de uma educação para a mídia como condição de exercício de uma democracia ativa. Na sequência, aborda a mídia e sua função de expressão de uma classe – aquela que detém o controle da produção e circulação massiva da mensagem midiática. Num tempo de produção de “verdades alternativas”, é importante refletir sobre quem produz as mensagens midiáticas, com quais intencionalidades e a favor de quem e contra quem elas atuam. Nesse contexto, a escola não se coloca contra a mídia, mas a favor do conhecimento, da comunicação e do diálogo como pensado por Paulo Freire. Finalmente, ao trazer a relação mídia-educação, aponta para a necessidade de valorização do profissional da educação, de suas competências midiáticas, postas a serviço de uma educação emancipadora, seja ela presencial ou à distância.

Palavras-chave: Mídia-Educação. Escola. Classes Sociais.

ABSTRACT

This article presents a reflection on the relationship between Media and Education, regarding the challenges on the matter created by society. It introduces the discussion with the need for a media education as a condition for the exercise of an active democracy. Then, it approaches the media and its function of expression of a class - one that holds the control of the mass production and circulation of the media message. In these days of production of “alternative truths”, it is important to reflect on who produces the media messages, with what intentions and in favor of whom and against whom they act. In such a context, schools do not stand against the media, but in favor of knowledge, communication and dialogue as thought by Paulo Freire. Finally, as it addresses the media-education relationship, it points to the need of valuing the education professionals, their media skills, at the service of an emancipatory education, be it the face-to-face or the distance model.

Keywords: Media-Education. School. Social Classes.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, RN, Brasil. Doutor em Ciências da Educação pela Universidade de Caen Fr. E-mail: arnon_andrade@uol.com.br

INTRODUÇÃO

Quando nossos antepassados inventaram a fala e o desenho, estava inventada a sociedade e, pouco depois (ou foi ao mesmo tempo?)... Estava inventada a escola, ou pelo menos a intenção de ensinar aos outros tudo que nós aprendíamos. Até hoje, por mais sofisticada que seja a sociedade ou a escola, é pela palavra e pela imagem que começamos a fazer, apreender e aprender os *milhões* de projetos, histórias, espaços, personagens que, criados e memorizados servem para construir outros milhões possíveis, mas nenhum, de tantos que aprendemos ou construímos, é inteiramente real ou suficiente.

Descobrimos que quanto mais aprendemos, quanto mais nos aproximamos da realidade, mais ampliamos os limites do que é desconhecido, obscuro ou misterioso. Se houve um tempo em que alguém pôde pensar que já sabia tudo, que tudo já tinha sido descoberto ou revelado isso foi (e sempre será) um lapso passageiro. Às vezes, criamos um mistério para nos dispensar de conhecer e desvendar os muitos outros mistérios (às vezes, nos tornamos presunçosos e arrogantes para esconder nossa ignorância), – não temos, entretanto, outro caminho: somos muitos, somos desiguais, violentos, presunçosos, somos infelizes, temos necessidades vitais insaciadas, sentimos dor e... “inesperadamente”... morremos!

Precisamos conhecer a sociedade e a natureza em que vivemos e fazemos parte e não há senão um caminho; o caminho da escola. E só uma escola é capaz de colocar o homem frente às possibilidades de seus desejos e invenções, mas também face aos limites da sua natureza e da sociedade - a escola pública, universal, gratuita, laica, obrigatória e de qualidade.

É comum ouvirmos que a escola tradicional oferece resistência à incorporação de equipamentos, de novas tecnologias e seus usos, entre as práticas escolares, mas inevitavelmente, se vivemos uma cultura tecnológica, a escola tem, forçosamente, que estar encharcada de seu tempo, pois é ela que tem a função de atualizar-nos a todos, de tornar-nos brasileiros e contemporâneos. A função explícita da escola é a reprodução da sociedade, nas suas virtudes e nos seus vícios.

A escola é o lugar da produção de justificativas para a classe hegemônica, mas também das contestações; da reprodução dos

muros e dos becos sem saída e, ao inverso, da produção de portas, avenidas, praças e estradas, da desmitificação e da desmistificação. Imaginar a escola resistindo às telas; é como pensar a escola resistindo aos livros e aos impressos, quando foi a escola que ensinou todo o mundo a ler e permitiu ao “mercado” se ampliar com o enriquecimento cultural e o desenvolvimento das forças produtivas. Não é nossa intenção, entretanto, colocar a escola a serviço do mercado, da imobilidade social ou dos ganhos empresariais; mas da redução das desigualdades, da ampliação dos direitos de todo e qualquer cidadão, da proteção da natureza, da aceitação dos diferentes, na construção de uma sociedade colaborativa, generosa, ética e, portanto, democrática. Também acredito que para fazer seu papel formador dos cidadãos de hoje, a escola deve ser contemporânea, sem perder a noção dos valores de uma república e de uma democracia. Portanto, não é possível aceitar a mídia como é e como se desenvolveu numa sociedade de classes, em que as relações de poder e força são de extrema violência e suas práticas ideológicas são tão continuadas, tão manipuladoras da opinião, tão deformadoras do caráter, que apenas conviver sem crítica e usar essa mídia é construir a antiescola, a antidemocracia, a antinatureza, a antissociedade.

MÍDIA

Partindo, portanto, da análise dos ditos “meios de comunicação” e sua relação com a educação, achamos importante examinar a natureza dessas duas instituições (Mídia e Escola), ambas componentes da “Sociedade Civil” como queria Antonio Gramsci², ou como “Aparelhos Ideológicos do Estado” como queria Louis Althusser³, consequentemente como elementos da superestrutura da sociedade,

2 Antonio Gramsci – Filósofo italiano, um dos maiores teóricos do marxismo, com produções na teoria do Estado e da Cultura. Foi autor extremamente fértil, apesar de doente e de ter passado preso seus anos mais produtivos. Gramsci morreu aos 46 anos em consequência dos sofrimentos na prisão do fascismo de Mussolini. As questões relativas à Sociedade Política e Sociedade Civil estão no volume 2 de Cadernos do Cárcere.

3 Louis Althusser – Filósofo francês, aprofundou os estudos de Gramsci e deu nitidez à figura do Estado e de suas instituições culturais. Foi muito discutido e fez seguidores em todo o mundo nas décadas de 70 e 80. Perdeu espaço nas décadas de 90 e nos primeiros anos do século XXI, mas surge agora como uma fonte importante para a interpretação da queda do socialismo real e da globalização. Seu trabalho principal, “Ideologies et appareils ideologiques d’Etat” publicado, com outros textos sob o Título “Positions”- Editions Sociales – Paris 1975, foi republicado por Slavoj Zizek.

no modo de produção capitalista. Podemos dizer que a televisão não é um meio de comunicação, mas, como chamou Etienne Allemand⁴, uma máquina de organização e controle social - Isto é: a mídia deve convencer a todos de que o modo como a sociedade está organizada é o melhor possível e os que discordam estão errados, ou pior, querem perturbar a ordem pública ou são "comunistas".

É bom lembrar que a TV no Brasil, é uma TV privada, ou mais grave, seis grupos econômicos detêm entre si quase todo o potencial de difusão de informação e opinião no país, incluindo aí TV, Ra, Jornais, Revistas, Editoras, TV por assinatura, Portais na internet e versões on-line dos veículos impressos. Isto quer dizer que atingem quase todo o território nacional para dois propósitos: ampliar o mercado de consumo e criar, ampliar e controlar o consenso em torno do sistema político e econômico. Quando dizemos que a televisão atua desse modo, nós estamos dizendo que toda a programação está a serviço desse controle e da organização da sociedade e da expansão do consumo e isso se pode ver na ordem da sequência, no horário, na publicidade, na duração e no formato dos programas. Tomemos como exemplo os telejornais: Por que os telejornais têm o formato que têm? – Quando falamos em formato estamos falando da forma assumida para a construção e difusão de seus enunciados – um apresentador, em plano médio fixo ou outro que possa parecer mais "espontâneo", imagens ilustrativas, ou reforçadoras, duração limitada, falsa espontaneidade e sedução.

Quando a televisão foi inventada, o Rádio era o grande veículo de cultura, entretenimento e informações; particularmente de informações, dado que a quase instantaneidade da radiodifusão permitia, em horários previamente programados ou em apresentações extraordinárias, a difusão de informações sobre o que ocorria na cidade, no país ou no mundo. Qualquer notícia que chegasse aos estúdios de rádio por telefone, telegrama por carta, ou que tivesse sido publicada nos jornais, poderiam ser, de imediato, redigidas e transmitidas pelo apresentador do radiojornal e alcançar o ouvinte a distâncias imensuráveis.

4 Etienne Allemand – Cientista Social e Filósofo francês, contribuiu de modo significativo à compreensão do papel da Televisão nas relações de poder e dominação das classes hegemônicas da sociedade capitalista, nos aspectos de sua organização interna como máquina e entidade, do seu conteúdo, informação,, expressão e opinião e nos aspectos de sua abordagem. Enriquece as abordagens de Gramsci e Althusser e a compreensão do funcionamento da sociedade. Seu Livro sobre o tema, foi publicado em 1980 pela Editions Anthropos, Paris : Pouvoir et Télévision – Les machines d'organisation.

A televisão podia fazer tudo que fazia o rádio e, mais ainda, mostrar imagens de fatos acontecidos, através de desenhos, fotografias ou cinema, mas cinema e fotografia dependiam da presença do fotógrafo nos locais dos fatos narrados e do longo processo fotoquímico da revelação. Ainda no cinema, era longo o processo de montagem (edição), o que tiraria a instantaneidade da transmissão. As limitações da televisão eram quase as mesmas do rádio, já que não havia gravação de vídeo. O formato do telejornal foi inspirado pelo formato do radiojornal com crescentes inovações como as minientrevistas, os depoimentos e as opiniões a respeito dos eventos noticiados.

A tecnologia por sua vez, continua a se desenvolver e a TV muito cedo pôde superar o formato radiofônico, mas não o fez. Havia, é verdade, um jornal aparentemente mais próximo da TV e tão ilustrado quanto, mas que morreu de outras causas como esclerose do mercado ou redução de custos e conseqüente aumento de lucros. - o cinejornal ou o Jornal da tela era mais uma revista que propriamente um jornal, pois era menos datado e mais comentário que noticiário. Mas a TV continuou a utilizar o formato do rádio quando já podia acrescentar a imagem às suas narrativas. Claro, o esmero, pouco a pouco tornou sedutora a face dos apresentadores, sua fala se tornou espontânea e coloquial, o olhar antes preso ao texto escrito descobriu, na parte superior da lente da câmara o "contato visual" com o telespectador, atravessando o "teleprompter" para não perder a espontaneidade.

A explicação, a justificativa para a adoção, em todo o mundo, do formato do Telejornal foi a credibilidade. Mas porque a transmissão de informações precisaria de credibilidade? Se o Jornal da TV disser que houve um terremoto no México, por que isso precisa ser acreditado pelo espectador? Salvo se o fato foi inventado ou se não é uma informação - na realidade a TV transmite opiniões. Opinião é um ponto de vista, uma visão particular; precisa, portanto, ser acreditada para ser adotada, A confiança em quem diz, a seriedade da fala, a segurança e espontaneidade da narração, precisa de credibilidade. Além disso, outros elementos são adicionados como a opinião de um cidadão, coincidente com o ponto de vista dos donos da emissora, mas de um cidadão identificado por um título ou uma qualificação acadêmica; a alteração, na edição, da ordem cronológica de fatos dentro de um evento modificando a relação de causa e efeito; a ênfase em detalhes, através de inserções e a duração das tomadas inseridas.

A TV transmite uma realidade invertida, ancorada sempre na realidade, mas alterada para que pareça a inteira verdade. *Cientificamente, a realidade produz as ideias, mas na Ideologia, as ideias produzem a realidade.* Para sabermos exatamente qual o papel de um apresentador num telejornal, citamos um pronunciamento da Fonoaudióloga da TV Globo, referencia das emissoras brasileiras de televisão:

O apresentador não pode representar as palavras. Tem de ser parcial e exprimir as ideias da empresa em que trabalha. Esse profissional tem de sentir a palavra na sua forma, mas a essência empregada vem da casa. Por exemplo, a palavra cadeira é dita da mesma forma por todo mundo, mas se ela é confortável ou desconfortável, é a empresa que vai dizer. Em qualquer emissora, os apresentadores são escravos, têm que parecer imparciais e, ao mesmo tempo, ser parciais, de acordo com a vontade da empresa. (BEUTTENMULLER, 2012, s.p.)⁵

Se observarmos os programas educativos, os vídeos educativos (analógicos ou digitais) com o conteúdo das disciplinas, em sua maioria, têm a formatação do telejornal e utilizam os recursos dos noticiários, dessa forma, transformam um momento de informação honesta em um momento de imposição de verdades científicas relativas e de indiferença com o saber acumulado pelo aluno. Na verdade, boa parte dos vídeos educativos é produzida por produtoras privadas, ou produtores qualificados tecnicamente e que têm, na mídia aberta, uma referência de qualidade técnica. Não vamos nos deter nos telejornais, porque as novelas, os programas de auditório, as partidas de futebol e mesmo os filmes utilizam os mesmos, recursos num contexto narrativo com diferenças históricas, culturais e relativas aos modos de recepção e financiamento.

As novelas, como os filmes, são audiovisuais de expressão isto é, podem, no interior de suas narrativas, ter enunciados diferentes, ligados aos interesses do espectador como informações históricas,

5 Entrevista publicada originalmente na revista veja conforme a lista de referencias deste artigo e citada também por Wilson Vieira em "Tautismo Fonoaudiológico da Globo quer legitimar capitalismo de desastre". - Revista Forum 05 de Janeiro de 2017, disponível em <https://www.revistaforum.com.br/1831-2/> e consultado em 08 de Julho de 2018.

sociológicas, culturais, mas de um modo geral são narrativas que compreendem sentimentos, opiniões, pontos de vista, expressões com autoria definida. Claro, numa produção cinematográfica ou televisiva há sempre, contribuições de vários artistas, pelas múltiplas linguagens articuladas como música, fotografia, dança, arquitetura, decoração, vestuário, cenografia, literatura e mais que houver na composição, mas sempre sob a direção do autor do audiovisual ou do roteiro.

As novelas apresentam enredos que se passam em “sociedades não históricas” onde não há divisão de classes sociais, em que as desigualdades são reduzidas a quase não se ver, salvo se a desigualdade faz parte da trama. Aí a ascensão social se dá quase sempre pelo casamento ou pelo trabalho pessoal bem sucedido, ou sorte e os problemas e dificuldades sociais são sempre consequências de ações individuais, por erro ou maldade. Materiais assim, como os filmes, podem ser usados em educação, mas sob uma discussão, um debate, na verdade, numa relação dialógica. A História, a realidade social, as relações do homem com a natureza, apresentadas nas novelas ou em filmes, de um modo geral, precisam de correção ou de exame crítico – de uma atitude científica diante do mundo.

Sergei Eisenstein⁶, o grande cineasta e teórico do cinema, teria dito que a montagem (edição) é o específico do cinema. De fato, a montagem funciona como a sintaxe da linguagem cinematográfica. *A Sintaxe é a parte da gramática que estuda a colocação das palavras na frase e a das frases no discurso, assim como a relação das frases entre si.* Para a montagem (edição) construímos o filme com os enquadramentos, as tomadas, as cenas, as sequências, as ligações (passagens) entre as partes e finalmente, temos o filme. A imagem em si e os sons associados à imagem constituem, numa comparação com o estudo da língua, o *léxico cinematográfico. Esse léxico, estudado numa espécie de semântica cinematográfica, sofre como as palavras, as variações constantes decorrente do estilo, da cultura, do momento histórico, das relações sociais.*

Nos audiovisuais de expressão, como na literatura, valorizamos, mais que em outros gêneros, as conotações e as metáforas. Isso,

6 Serguei Eisenstein – Cineasta e estudioso do Cinema, produziu vários filmes ligados à história da Rússia, à revolução de 1917 e à União Soviética. Entre outros filmes citamos O Encouraçado Potemkim, Alexander Nevsk e Outubro. Importante no desenvolvimento da linguagem cinematográfica, Serguei Eisenstein foi um estudioso e grande desenvolvedor da edição (montagem) no cinema.

muitas vezes, evidencia no estilo, a autoria do discurso, a expressão como um ponto de vista, uma visão do mundo, a cultura de uma pessoa. O Cinema é um meio de expressão, do mesmo modo que a TV é um meio de expressão e/ou de informação, e têm sido usados nas relações de poder entre as classes fundamentais, como instrumentos (ferramentas) de organização e controle da sociedade, como um *Aparelho Ideológico de Estado* (AIE).

Se assistimos “O Encouraçado Potenkin” de Sergei Eisenstein ou “O Nascimento de Uma Nação” de David Griffith⁷, vemos dois pontos de vista completamente diferentes, mas que confirmam a ideia de que a ideologia se revela através dos recursos da linguagem e se refere à distorção da realidade na busca de convencimento e adesão.

Durante a 2ª guerra e nos anos a seguir, foram muitos os filmes de guerra, em que os “aliados” eram os heróis, e os alemães e japoneses eram os vilões; algum tempo depois, durante a guerra da Coreia, os chineses e norte-coreanos eram os vilões e no período da guerra do Vietnam, eram esses os bandidos, hoje são os árabes, e os muçulmanos, (os *terroristas, covardes, traiçoeiros, perversos*) versus os aliados ocidentais (*democratas, civilizados, humanitários*).

A organização e o controle estão presentes em cada uma das histórias do bem contra o mal. Nós nos sentimos “mais seguros”, mais tranquilos quando a CIA derrota os terroristas e mata os “nossos” inimigos. O Cinema e a TV são olhares sem corpo que nos são entregues e que nós assumimos como se fossem nossos e aí mora o perigo, como se estivéssemos debruçados numa janela, testemunhando o mundo. Quantas vezes ouvimos: “É verdade! - Eu vi no Jornal Nacional!”.

EDUCAÇÃO

Deveria haver uma só escola pública, que ensinasse os conteúdos relacionados com a Natureza e a Sociedade facilitando as escolhas profissionais (técnica ou superior), a atitude científica diante do mundo, a valorização da cultura, a preservação da natureza, a aceitação dos diferentes, a resolução dos conflitos pela negociação,

7 David Griffith, - Cineasta americano, produziu o Nascimento de uma Nação que impactou o público e a crítica pelo conteúdo cruel, racista e de louvação á Klu Klux Klan. A indignação que o filme provoca termina por esconder uma obra, única , a utilizar toda a linguagem criada até então, todos os recursos da “contação de história” através de planos, tomadas e imagens em movimento.

a solidariedade, o governo pela maioria, o respeito e a proteção às minorias. E essa escola teria que estar usando e aperfeiçoando o uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) de acordo com a natureza de seus objetivos.

Digo sempre, que *a Tecnologia não salvará a escola, mas a escola poderá salvar a Tecnologia*. Não é suficiente que a escola, seja dotada de um Ambiente Virtual de Aprendizagem, (AVA), para onde convirjam todos os recursos das diversas linguagens, para estarem assegurados os bons resultados educacionais. A escola precisa insistir na ideia de que seus propósitos, seus conteúdos e métodos estão de tal modo ligados ao afeto e à ética, condição *sine qua non* da sociedade, que fica impossível utilizar as tecnologias da informação e da comunicação desenvolvidas para a organização e o controle de uma sociedade com uma economia de mercado, fundada na propriedade privada dos meios de produção, nos interesses de classe, no lucro, na competição, e na propaganda como reguladora do consumo.

As tecnologias, como são usadas, regulam as relações entre as pessoas e essas relações são, por critérios tecnológicos, iguais às relações entre o ser humano e a as máquinas (interações, interatividade) Aí, desse modo, ambos, máquina e homem, têm escolhas limitadas e previsíveis ou programáveis. Mas, as relações fundadoras da sociedade e, portanto, de nossa humanidade, são as relações dialógicas, que tornam a linguagem dinâmica e que permitem o desenvolvimento, a produção do conhecimento a educação e o que chamamos de *Comunicação*.

Pode parecer que estamos dizendo que a escola é ótima e a mídia precisa sofrer críticas e modificações para que possa ser aceita na escola. Na verdade, o modo de produção capitalista que produziu uma mídia a serviço da desigualdade, da exploração e da dominação, também produziu uma escola que reproduz essa sociedade e, portanto, a desigualdade, as relações de poder, sua violência simbólica.

Na escola, como fazem os apresentadores de telejornais, o professor diz e os alunos escutam, manda e os alunos obedecem. A própria arrumação das salas de aula mostra a expectativa que se tem do ritual que deve acontecer ali e é ali que as disciplinas são apresentadas, não como enunciados científicos, mas como discurso autoritário, um monólogo estéril. Ali, a História é contada como se

fosse uma novela, o enredo acontece a partir do protagonismo das personagens; e a previsibilidade do fato histórico é baixa. A Língua Portuguesa é ensinada como se os alunos das classes subalternas falassem errado. A língua falada pelas classes populares é uma língua que reflete suas condições culturais e de sobrevivência numa sociedade desigual.

Os modos de expressão são resultado das condições materiais de subsistência das classes subalternas e são sempre elas que determinam o desenvolvimento da língua. Assim a escola, numa sociedade de classe é uma escola de classe, destinada a formar o trabalhador, com os recursos cognitivos necessários ao desempenho do papel que lhe reservaram na infraestrutura econômica. Aí, ensinar a língua padrão é contribuir para sua ascensão, pois a *Escola Pública*, numa democracia, tem que formar o cidadão para exercer seu protagonismo na sociedade a que pertence.

Lembramos aqui, que desde que Tomé de Souza chegou ao Brasil em 1549, trazendo consigo muitos religiosos da Companhia de Jesus (A Companhia de Jesus era a responsável pela *contrarreforma* destinada a neutralizar a *reforma protestante*, nos territórios onde a aristocracia ainda era hegemônica) para criar e implantar o sistema escolar brasileiro, sistema esse desmontado pelo Marquês de Pombal em 1759, (quando já se percebia que a burguesia chegara para ficar). De 1759 a 1808, quando a corte portuguesa chega ao Brasil, foram quase 50 anos de vazio pedagógico. É verdade que o reino, com capital no Brasil, até que cessassem as hostilidades entre Portugal e França teve que criar as condições de governabilidade e implantou várias escolas superiores e técnicas, importantes para tocar a administração do império. A partir daí, só contamos realmente com esforço governamental para dotar o país de um *Sistema Público de Educação Escolar*, na década de 20 do século XX por conta de governos estaduais e de educadores que marcaram a história da educação brasileira como Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Francisco Campos, Lourenço Filho, Carneiro Leão; todos eles assinantes do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova (1932), já no Governo de Getúlio Vargas (1930 a 1945) com a criação do Ministério da Educação e definição de recursos orçamentários, a aprovação do suporte Legal para a formação de professores, a regulamentação do funcionamento das Universidades, a regulação das escolas técnicas, a articulação entre os diversos níveis de ensino.

Ainda na década de 40, começamos a discussão da 1ª Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional que, depois de quase quinze anos de discussão teve aprovado, como projeto final, um substitutivo de autoria de Carlos Lacerda, num grande retrocesso. A essa lei, Anísio Teixeira chamou de “a liberdade de não educar”; depois disso, a ditadura militar e depois dela, só os governos de Lula da Silva e de Dilma Rousseff, partindo da Constituição de 1988 realizaram grandes mudanças na educação brasileira, as mais significativas desde a chegada de Tomé de Souza mas, que foram novamente interrompidas pelo golpe de 2016.

Se Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira foram os grandes nomes da educação no Brasil da primeira metade do século XX, na segunda metade, são as presenças de Paulo Freire e Darcy Ribeiro que iluminam a educação pública, e definem as referências teóricas que balizam o Sistema Escolar Brasileiro pós-ditadura. Foi na cidade de Angicos, no Rio Grande do Norte, que Paulo Freire realizou sua primeira aplicação em escala, do modelo pedagógico inspirado em sua pedagogia e que os círculos oficiais da educação brasileira, durante algum tempo, continuaram a chamar de Método Paulo Freire de Alfabetização de Adultos.

A divulgação das obras de Paulo Freire, durante seu exílio na Europa, marcou o pensamento pedagógico no Brasil e no mundo, até hoje, Freire é um dos autores mais citados internacionalmente. Darcy Ribeiro como Secretário da Educação e Cultura do Governador Leonel Brizola, construiu os Centros Integrados de Educação Pública (CIEP) no Rio de Janeiro, marcando na cidade do Rio, que havia no ar novas ideias sobre educação e que o fim da ditadura militar permitiria novos avanços da Sociedade.

Os governos do Partido dos Trabalhadores, a partir de 2003 atuando durante 12 anos, produziram a mais intensiva ação democratizante nos sistemas públicos de ensino, incluindo aí a criação e ampliação das Universidades Federais, (particularmente a formação de profissionais das áreas de saúde e educação), a criação de 422 Institutos Federais de Educação Ciência de Tecnologia (antigos CEFETS) que se somaram aos 140 já existentes no país; A implantação da Universidade Aberta do Brasil (UAB) com a participação das Universidades Públicas e oferecendo cursos a distância, à população de áreas distantes das cidades onde estavam concentrados os grande Centros Universitários.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), aprovada em 1996, sofreu tantas modificações sobre duração da escolaridade obrigatória, inclusão da educação infantil na educação básica, financiamento da educação; qualificação de professores, piso salarial por trinta horas, jornada escolar; avaliação educacional, nos diversos níveis do sistema, Livro didático, merenda escolar, transporte escolar, bolsa para iniciação à docência nos cursos de licenciatura..., diretrizes curriculares, para a formação de professores, currículo escolar para o ensino básico...

MÍDIA E EDUCAÇÃO

É dentro desse contexto, que a educação para a cidadania - educação democrática, educação dialógica - precisa formar professores críticos que compreendam as características da mídia, suas linguagens, seu processo de produção, sua inserção na sociedade e refletir sobre o modo de colocá-la a serviço da educação pública. É verdade que um grande número de professores tem sido formado sob a influência teórica de Paulo Freire, tanto no que toca à pedagogia emancipatória como na compreensão da comunicação como um fenômeno em que, inevitavelmente, implica aspectos afetivos e éticos, sem os quais, a mídia passa a ser constituída de meios de controle social, imposição de ponto de vista e transformação do cidadão em consumidor acrítico.

Nós sabemos que os programas da mídia privada, particularmente da Televisão, se destinam à captura do expectador, para definir, em função da audiência, o valor do minuto de publicidade. Os preços variam, não em função do custo do produto, mas em função do tamanho da audiência entregue aos anunciantes. A TV privada não vende programas: vende pessoas que assistem televisão, seja ela, a televisão, analógica ou digital.

Precisamos, depois de compreender a complexidade da tecnologia educacional, de seu uso nas escolas da educação básica, temos que colocar esse tema para discussão e prática intensiva na formação de todos os professores, nas licenciaturas de todas as universidades públicas e privadas.

Pensar que educação a distância não é *educação virtual*, utilizando *ambientes virtuais de aprendizagens* e a convergência da mídia digital para *alunos virtuais*. Nada disso. A EAD é uma educação

concreta, com objetivos concretos, conteúdos concretos para alunos concretos e toda essa reflexão que fazemos para a escola pública presencial, estendemos à educação à distância. É preciso dar perfil ao "professor tutor" como de um "professor regente de classe" e ao "professor autor", como um produtor de textos didáticos, ambos com carreira, formação qualificada, formação continuada e salário adequado e desse modo buscar na tecnologia, o uso conveniente para estimular e desenvolver trabalhos em grupos, estabelecer diálogos produtivos entre professores (tutores), entre professores e alunos; criar grupos de estudos entre alunos, usar *vídeo conferência* com o "professor autor" para discutir seus textos com os alunos; estudar melhor uso de "ferramentas" como a "Lista de discussão" ou o "bate-papo" para situações dialógicas reais nos cursos a distância.

Os objetivos educacionais são mais importantes do que parecer moderno e usar tecnologia como se fosse mágica. Precisamos tornar mais amigável o trabalho colaborativo, e habituar os estudantes à leitura, à procura de textos na Web, à frequência ativa aos polos de EAD e à biblioteca. Precisamos fazer com que o sentimento de segurança se transforme em autonomia e motivação e visão crítica do mundo se transformem em protagonismo. Porque só se consegue autonomia quando se tem certeza da rede de proteção cognitivo afetiva e pelo diálogo se desenvolve uma consciência crítica que nos permitem perceber onde e quando intervir no mundo e fazer História.

REFERÊNCIAS

BEUTTENMULLER Glorinha O discurso da Rede Globo, por Mariana Zylberkan *Revista Veja*, 16 set 2012, Disponível em <https://veja.abril.com.br/entretenimento/o-discurso-da-rede-globo/>. Acesso em 08 de julho de 2018.

Submetido em Setembro 2018

Aceito em Novembro 2018

Publicado em Fevereiro 2019